

por José Carlos Ramos

Judeus e palestinos

Estou acompanhando com atenção as negociações de paz entre judeus e palestinos. É possível ver alguma implicação escatológica nos eventos que estão acontecendo em torno de Jerusalém? É possível, ou provável, que se faça paz entre judeus e árabes? Há alguma base escriturística para dizer que sim ou que não? O *status* final da cidade de Jerusalém é importante para o povo de Deus? M. A. B. L.

O assunto *judeus X árabes*, como ideologia, é idêntico ao relacionamento entre eles: controverso e polêmico.

Segundo o dispensacionalismo (um sistema de interpretação profética incompatível com o que entendemos das profecias), os judeus retomarão à área do antigo templo e o reconstruirão, reinstituindo a prática dos rituais e sacrifícios do Antigo Testamento; por esse tempo, a Igreja será arrebatada secretamente, e 144 mil judeus se converterão a Cristo, compondo o povo de Deus na Terra. O anticristo, que será um vulto literalmente anticristão e de grande carisma e estratégia político-militar, terá entrado em acordo com o povo judeu tão-somente para atraí-lo e se apoderar do templo, transformando-o em quartel-general. Dali governará o mundo e levará a humanidade à angústia final, que se estenderá por três anos e meio. Ao fim desse período, Jesus retornará para acabar com o anticristo e estabelecer, na Terra, o Seu reino milenar.

Como consideramos tudo isso? Pura fantasia! Realmente, o atual conflito entre judeus e árabes é um sinal do fim, mas apenas cumprindo o que Jesus disse, que nos últimos dias haveria guerras e rumores de guerras (Mat. 24:6 e 7), isto é, desentendimento e conflitos generalizados. Poderá haver uma paz eventual entre judeus e árabes? Sim, pois a Bíblia prevê que “quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição” (I Tess. 5:3).

Portanto, não creio que haja alguma importância, para o povo de Deus, no “*status* final” de Jerusalém, desde que esta cidade perdeu, ao ser Cristo rejeitado pelos judeus, qualquer *status* distintivo, isto é, que a diferencie das outras cidades da Terra. A Igreja, que inclui pessoas oriundas de todos os povos (inclusive judeus), é agora o novo Israel e somos filhos da Jerusalém de cima, como diz o escritor sagrado. A de baixo permanece escrava com seus filhos (Gál. 4:26; compare com Heb. 12:22).

Há, realmente, um plano divino para os judeus, quanto à sua participação na fase final da pregação da tríplice mensagem angélica ao mundo (o que pode ser referido como a obra do quarto anjo, ou anjo de Apoc. 18). Acredito, inclusive, que Deus tenha em reserva muitos “Saulos de Tarso” para o momento estratégico e propício. Mas isso não implica qualquer privilégio étnico dos judeus, que os defina como “nação” de Deus e torne o conflito judeus X árabes mais relevante que outros conflitos no mundo. De fato, a Igreja é agora “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de

Deus” (I Ped. 2:9), termos que, no Antigo Testamento, definiram o Israel étnico (Êxo. 19:5 e 6).

Por que Deus criou Lúcifer?

Partindo do princípio de que Deus sabe tudo, por que, quando Ele criou os anjos, entre eles foi criado um anjo que iria se rebelar, e a partir daí, começar o pecado? E. B.

É necessário que nos lembremos, antes de tudo, da natureza de Deus e de Suas obras. Ele não é apenas onisciente (conhecedor de todas as coisas), onipresente e onipotente; é também imutável (Mal. 3:6); nEle “não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tia. 1:17). Os decretos de Deus, que procedem da eternidade, fazem parte do Seu caráter, isto é, são tão imutáveis quanto Ele. Se Deus havia decretado criar anjos e homens, não seria a eventualidade do surgimento do pecado que O levaria a mudar, porque nesse caso essa eventualidade demonstrar-se-ia mais poderosa que Deus, a ponto de fazê-Lo alterar um plano.

Lembremos também que o próprio fato de Deus criar seres inteligentes e dotados de livre-arbítrio (como é o caso de anjos e homens) constituiu-se num risco de que o mal poderia, mais cedo ou mais tarde, insurgir. Portanto, não seria o caso dEle não criar especificamente a Lúcifer ou a Adão que garantiria a permanência exclusiva do bem respectivamente no Universo e na Terra; qualquer um dos bilhões (ou seriam trilhões, quatrilhões, ou até mais?) dos seres livres que Ele criou poderia se transformar no primeiro pecador. Para que houvesse segurança plena e absoluta de que jamais o pecado seria perpetrado, Deus teria que permanecer só, ou criar apenas autômatos, máquinas programadas para não se desviarem um milímetro sequer do cumprimento de Sua vontade; ou, na melhor das hipóteses, criar seres amorais, isto é, sem responsabilidade moral, tal como os animais. Mas nesse caso, como o amor inteligente e altruísta poderia ser partilhado, cultivado, vivenciado e correspondido? Como ocorreria uma comunhão íntima, com um relacionamento dinâmico e recíproco, entre Criador e criaturas? Como, finalmente, poderia haver, no Universo, felicidade total, autêntica e plenamente desfrutável? Então Deus seguiu cumprindo o Seu imutável e também amorável decreto de criar outros seres e compartilhar com Eles um pouco de Si mesmo.

E para a eventualidade do pecado levantar sua medonha cabeça, o plano da redenção, também estabelecido na eternidade, faria face à nova situação, resolvendo totalmente o problema, o que realmente ocorre. O pecado não se levantará a segunda vez não porque, a partir do fim do milênio, a Nova Terra e o restante do Universo, serão agora habitados por autômatos. Continuaremos dotados do livre-arbítrio, mas plenamente vacinados, imunizados, resguardados contra o pecado. E tudo como resultado da operação da graça divina. Louvado seja o Seu nome! 